

O ENSINO DA HISTÓRIA: O OLHAR DO ALUNO¹

THE TEACHING OF HISTORY: THE STUDENT'S OUTLOOK

Marta Valquíria Winch²
Elisabeth Weber Medeiros³

RESUMO

Neste artigo apresenta-se numa investigação acerca do ensino da História nas escolas estaduais de Ensino Fundamental do município de Santa Maria. A pesquisa teve como objetivo salientar a visão do aluno sobre o desenvolvimento da disciplina de História, abordando diferentes aspectos como objetivos, função, conteúdos, relação com a realidade, dinâmica das aulas, avaliação, construção da cidadania e interdisciplinaridade. Foram entrevistados alunos da 7^a e 8^a séries que freqüentam escolas públicas estaduais. Pelo estudo e análise das entrevistas, foi possível perceber, de forma mais concreta, os problemas que permeiam o ensino da História, sua compreensão na visão dos alunos e os aspectos que necessitam maior atenção por parte dos professores do Ensino Fundamental. Os resultados apontam situações e formas que poderiam contribuir para tornar a aula de História não só um momento de prazer, mas também algo vivo, contemporâneo e significativo, que possibilitasse ao aluno a compreensão e leitura da realidade.

Palavras-chave: história, ensino da história, aluno.

ABSTRACT

This article presents an investigation into the teaching of History in state elementary schools of Santa Maria. The research aimed at stressing the student's view on the development of History as a school subject, dealing with different aspects such as objectives, function, contents, connection with the reality, dynamic of classes, evaluation, construction of citizenship and interdisciplinary activities. Students of the 7th and 8th grades were interviewed. By studying and analyzing the interviews, it was possible to concretely realize the problems which permeate the teaching of History, its understanding from the students' viewpoint and the aspects which require

¹ Trabalho Final de Graduação.

² Curso de Historia - UNIFRA.

³ Orientadora - UNIFRA.

more attention from teachers of the Elementary School. The results point out situations and forms which may contribute to make a History class not only a moment of pleasure, but also a lively, contemporaneous and meaningful class which allows the student to understand and read the reality.

Key words: History, teaching of History, student

INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido nos últimos anos sobre o ensino de História, são idéias e propostas que partem, principalmente, de pesquisadores e professores. Porém, pouco se tem oportunizado ao aluno opinar a respeito, e é esta questão a base da motivação para a realização deste trabalho. Nas entrevistas, foram ouvidos alunos pertencentes a turmas de 7^a e 8^a séries do Ensino Fundamental, de seis escolas estaduais do Município de Santa Maria. Foram abordadas questões relacionadas à importância do Ensino da História, carga horária desenvolvida, vivências em sala de aula, realização de pesquisas, recursos didáticos utilizados, avaliação e contribuição do ensino da História para a construção da cidadania. Os questionamentos realizados oportunizaram ao aluno manifestar sua posição, relatando suas experiências em relação ao assunto.

A investigação, portanto, teve como objetivo verificar, pela ótica dos alunos, o desenvolvimento do ensino da História nas escolas selecionadas. Por meio da análise dos dados coletados com os alunos constatam-se os desafios existentes, a fim de transformar este ensino. Este tema de investigação adquire um especial significado por apresentar questões que podem contribuir para que a aula de História adquira uma nova dimensão, servindo como elemento que ajude o aluno a compreender o momento histórico em que está vivendo.

A abordagem para análise dos dados foi qualitativa, uma vez que foram obtidos por meio de contato direto com os alunos, nas escolas. Teve como foco o desenvolvimento do ensino da História, retratando a perspectiva dos alunos sobre o tema e a sua complexidade no currículo escolar.

Na estrutura, este artigo desenvolve-se da seguinte maneira: num primeiro momento abordou-se o referencial teórico sobre o tema, base para elaboração da pesquisa; posteriormente, foi feita a descrição, análise e discussão das entrevistas realizadas em que se fizeram relações com o referencial exposto na primeira parte e, por último, apresentaram-se as considerações finais e o desfecho do trabalho.

REFERENCIAL TEÓRICO

No entendimento de um grande número de pessoas, dar aula de História é algo muito simples de fazer. Poucos se apercebem, entretanto, das inúmeras questões teóricas e ideológicas presentes a cada passo no processo de ensinar História.

Às vezes, nem o próprio professor se dá conta de que o caminho discursivo que segue é apenas um dentre diferentes alternativas possíveis de serem trilhadas. Cabe ao professor a percepção de que um mesmo fenômeno histórico pode ser analisado por meio de diferentes abordagens no recorte da realidade que se quer representar.

A discussão e consciência do que vem a ser História e de sua importância, permitirão, por sua vez, uma escolha mais coerente com a realidade educacional em que se está inserido. Dessa forma, deve se trazer a luz ao inconsciente ideológico do professor, evitando que ele se transforme num instrumento de alienação. Como afirma ROCHA (1996),

Não se pode, por outro lado, dissociar o professor do espaço onde exerce suas atividades. Tanto na rede pública quanto na rede privada de ensino de 1º e 2º graus observa-se a predominância de atitudes conservadoras em relação à história e seu ensino. Pela insistência na repetição dos mesmos conteúdos e formas de transmiti-los se produziu um modelo escolar de História, difícil de ser superado. As inovações produzidas no conhecimento histórico que poderiam contribuir para oxigenar a prática docente encontra uma barreira constituída, juntamente, por esse modelo tradicionalmente aceito como sendo “ a História” (p. 48).

O ensino de História, hoje em intenso processo de debates e críticas, é abordado por diferentes educadores que almejam mudanças com dois principais objetivos: formar o cidadão crítico e levar o aluno a sentir-se sujeito da história. A partir da década de 80, tem-se uma maior ênfase aos assuntos ligados à cidadania devido à redemocratização do país. O ideal de formar o cidadão vai adquirir outras feições, dentro de um contexto mais amplo no redimensionamento da própria educação que estava então identificada como principal meio para a construção de uma nova cidadania.

Observa-se hoje uma crescente influência de novas correntes historiográficas como a Nova História Francesa e a Historiografia Social Inglesa, responsáveis por um alargamento do campo da História, discutindo

e trabalhando com temas como o cotidiano, as mentalidades, a história das mulheres, das doenças, a “História vista de baixo”, na qual se abre a possibilidade de uma síntese mais rica da compreensão histórica sob a ótica dos oprimidos (SANTOS,1997).

Nessa perspectiva, de os alunos serem sujeitos da História, está também, a possibilidade de serem sujeitos da produção do conhecimento histórico. O processo de construção do conhecimento constitui-se no dilema de muitos educadores que, de um lado, preocupam-se em “dar” conteúdos, para vencerem o programa, desconsiderando a possibilidade do envolvimento do aluno no processo educativo, e de outro, as dúvidas de como “conduzi-los” à produção participativa do conhecimento. O professor de História deve proporcionar ao aluno desenvolver suas habilidades e competências ao fazer com que ele, ao produzir um trabalho científico, possa descobrir sua realidade.

Por outro lado, pergunta-se: por que não acreditar no aluno como alguém capaz de investigar e alcançar o conhecimento? Por que desmotivar pela inoperância da metodologia positivista? São estas e outras perguntas que estão hoje em questão.

A História, para ser interessante ao aluno, implica em “atender” a muitas ansiedades, aspirações e responder a questionamentos de crianças e jovens sobre acontecimentos que norteiam suas vidas e, para tal, necessita-se de professores que deixem o positivismo latente e adotem uma postura questionadora diante dos acontecimentos, nos quais, a realidade do aluno é ponto de partida e de chegada.

A problematização histórica, aplicada nas séries do Ensino Fundamental, pode proporcionar transformações no pensar crítico. Dessa forma, o aluno pode encontrar significado no conteúdo que aprende, conseguindo assim ter uma participação mais ativa na construção do saber. Como afirma ZAMBONI (2001):

O mais importante é que o professor se acostume a problematizar o conteúdo, porque cria condições para um aluno pensar sobre ele, argumentar e fundamentar suas opiniões. A problematização sempre exige que o aluno pesquise, levante hipóteses, classifique-as e passe a um processo de comprovação ou rejeição com argumentos da hipótese escolhida (p.10)

A problematização vai ampliar as possibilidades de reflexão ao fazer com que o aluno “fuja” da tradicional memorização e decoreba dos fatos e acontecimentos.

As inovações tecnológicas são hoje uma outra questão fundamental e de importante papel no ensino da História. Há de se preocupar, no entanto, em utilizá-las não como técnicas para preencher a ausência do professor, ou simplesmente técnicas, recursos para tornarem as aulas “diferentes”. Supõe-se que a tecnologia, os diversos meios de informação contribuem para uma leitura crítica da realidade ao contextualizarem passado e presente, e também estão comprometidos em tornar a disciplina de História capaz de analisar, resgatar o conjunto de lutas, anseios, frustrações e sonhos de cada um, por respeitar, inclusive, a oportunidade ou não de os alunos obterem acesso aos meios de comunicação, considerando a precariedade enfrentada nas Escolas.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS

Os alunos entrevistados relataram suas experiências em relação ao ensino de História, abordando assuntos sobre a importância da disciplina de História: o aluno sente-se ou não agente do processo histórico? Por que estudar História?

Na análise das entrevistas, constatou-se em relação a esses aspectos que a maioria dos alunos sente-se como parte do processo histórico, portanto, percebem-se sujeitos da História e relataram isso da seguinte maneira:

- *“Na minha opinião quem faz a história somos nós, o povo em geral, alguns com uma maior participação, mas todos contribuímos com algo”.*
- *“Nós fazemos a história no nosso dia-a-dia cada dia é importante para a história”.*
- *“Nós, porque cada minuto de nossa vida é uma história”.*

Mas há também os que pensam que a História é feita somente por historiadores tal como podemos observar em suas palavras:

- *“Os livros e a professora”.*
- *“A história é feita na minha opinião por historiadores”.*

Com base nesses depoimentos, observamos que há um certo consenso entre os alunos em sentirem-se sujeitos do processo histórico, por isso, acreditamos que estes alunos consideram-se importantes ao fazerem parte da História, mas há os que, com uma visão mais tradicional, positivista da História, consideram-na como sendo feita somente de fatos distantes. Neste pensamento histórico, recordam-se apenas dos grandes homens limitando-se à relevância dos assuntos abordados. Por isso se faz necessária a pergunta: Por que estudar História? É importante? Obtivemos as seguintes respostas, a maioria relacionadas ao passado:

- *“Bom, pelo que a minha professora diz, é importante para saber do nosso passado. E importante é, mas eu odeio”.*
- *“Para conhecer os antepassados. Para mim eu acho que não é importante porque nós estamos estudando a história de outros países e não do nosso”.*
- *“Estudar história é importante porque trazemos de volta o que de melhor e até mesmo pior dos fatos acontecidos no passado”.*

De outro lado estão os alunos que consideram a História, mesmo relacionada ao passado, como relevante para compreenderem a realidade em que vivem e para anteverem o futuro.

- *“Porque algumas coisas que ocorreram no passado estão refletindo nos dias de hoje”.*
- *“Porque a história nos ajuda a compreender o porque da realidade em que vivemos”.*
- *“É super importante, pois ficamos sabendo o que ocorreu antes de estarmos aqui. Ficamos sabendo de fatos que marcam a nossa época”.*

Com estas questões, surge a necessidade de superar a noção de tempo que cria a concepção de um passado único sem relação com a realidade presente. O tempo histórico e a forma como são trabalhados é um aspecto fundamental para redimensionar o conhecimento escolar, porque dele dependem as complexas decisões sobre a seleção e organização de conteúdos que, tradicionalmente, são feitas em função de um passado que obedece a uma cronologia histórica. Esta análise está contemplada no questionamento sobre os conteúdos e sua relação com a realidade. Sobre isso, os alunos se pronunciaram:

- *“Com certeza, porque várias coisas que aconteceram no passado e ainda estamos vivendo as conseqüências”.*
- *“Eu acho que sim, porque muitos fatos que acontecem hoje em dia à gente já começa a entender melhor”.*
- *“Sim, pois se o mundo é assim como é hoje é por causa do ocorrido no passado”.*

No entanto, observa-se, na opinião dos alunos, a importância de se fazer uma relação entre o presente e o passado, pois eles acreditam que, somente assim, vão entender a realidade em que vivem. Sugerem que sejam estudados os seguintes temas:

- *“O racismo e preconceito racial”.*
- *“Diferenças sociais”.*
- *“Temas bem atuais, não só o que aconteceu no passado”.*
- *“A história de nossa cidade e o racismo”.*

Observa-se que há uma grande preocupação por parte dos alunos para que se discutam mais, em sala de aula, de uma forma participativa, as questões relacionadas às diferenças sociais. Sobre o racismo, observamos que alunos de etnia negra deixam transparecer a necessidade de entender o porquê das diferenças existentes em nossa sociedade.

Verificou-se também que alguns alunos demonstraram o interesse de que fossem debatidos em sala de aula temas como: diferenças sociais, problemas atuais, um pouco mais sobre os países asiáticos, nossas origens, política e sociedade atual.

Ou ainda, como no depoimento em forma de desabafo, importante a ser considerado:

- *“Vários tipos de assuntos, trabalhos diferentes que nos proporcionem aulas diferentes que não fosse sempre a mesma coisa, o aluno dentro da sala sentado na classe e o professor no quadro”.*

Sem dúvida, para os alunos consultados, o vínculo entre realidade social, problemas existentes e possíveis soluções não está sendo levado em consideração por parte dos professores e muito menos a importância do aluno em participar ativamente das questões relacionadas ao seu dia-a-dia exercitando, assim, a sua cidadania. Segundo eles, *“o conteúdo é bem diferente da realidade”*. Assim se percebe que os conteúdos devem ser significativos para que os alunos reflitam sobre as suas vivências e as produções humanas. Esses conteúdos devem desenvolver, no aluno, competências, pensamento crítico, análise, argumentação e raciocínio lógico. Nesse contexto, surge o questionamento: a carga horária e a vivência em sala-de-aula são suficientes na abordagem dos conteúdos de História? As respostas obtidas foram:

- *“Não porque é muito conteúdo”.*
- *“Não deveria ser quatro períodos”.*
- *“Sim o número de aulas já é o bastante para ficarmos sabendo o pouco estudado em sala de aula”.*
- *“Nós recebemos e lemos não dá para gravar nada”.*
- *“Até menos tempo seria necessário”.*

Dos alunos entrevistados, a maioria considerou suficiente o número de horas aula e manifestam até a intenção de diminuí-las. Isso demonstra que as aulas de História não estão sendo relevantes e não possuem grande significado em suas vidas.

Muitos alunos, ao serem interrogados, sobre como as aulas eram desenvolvidas, responderam:

- *“A gente lê o livro, faz trabalhos, olha vídeo raramente e bastante exercícios. É sempre a mesma coisa. Olhar vídeo é uma vez em cada 8 meses”.*
- *“São péssimas. Ler o texto (muitas vezes sem comentários da professora) e logo após responder as vinte questões (que são as mesmas da prova) para a prova basta decorar as vinte questões”.*
- *“Ela dá o conteúdo e nós estudamos a matéria”.*
- *“As minhas aulas de História não são muito desenvolvidas, é com texto só ditado. Não explica a matéria”.*

Percebe-se que é um grande desafio para o professor dinamizar suas aulas, considerando a importância em envolver os alunos na construção do conhecimento. As aulas de História, pelos depoimentos que tivemos, realizam-se por meio da fixação da aprendizagem por leituras, questionários, além disto, constatou-se que não há contextualizações e, tampouco, a oportunidade de avaliar a prática utilizada em sala de aula.

Ao serem consultados sobre como acontecem as aulas e como gostariam que fossem, relataram:

- *“Eu considero que ela não é muito boa. Nós discutimos muito pouco as aulas e teria que ser mais argumentados os assuntos”.*
- *“Eu tenho aula de história mais ou menos assim: as provas e os trabalhos são feitos com consulta livre, se não entregar um trabalho na data marcada ela dá várias chances. Eu acho uma máção as aulas, pelo menos as que eu tive”.*
- *“Considero muito bem, pois nos ajuda a enxergar melhor as coisas e eu gostaria que houvesse bastante trabalhos de grupo”.*
- *“Meio chatas porque normalmente só textos o que deixa as aulas meio cansativas. Poderiam haver excursões ou até mostrar alguma coisa para descontrair e aumentar o conhecimento”.*

Dentro desse contexto, há uma minoria que se manifesta “contente” com a professora e o desenvolvimento das aulas, porém com o desejo de que as mesmas sejam melhor aproveitadas:

- *“São aulas ótimas porque todos participam, todos discutem bastante, a professora deixa a aula bem descontraída”.*
- *“Acho que as aulas de história são bem “colocadas” só é preciso mais trabalhos que tragam conhecimentos importantes”.*
- *“São as aulas geralmente mais interessantes que as outras pois descobrimos o passado. Só acho que devíamos visitar lugares históricos e museus”.*

Todos esses depoimentos reforçam a idéia de que uma nova metodologia contribuiria para que as aulas fossem menos monótonas. Um dos elementos a ser considerado é a pesquisa, pois ela é imprescindível ao conhecimento histórico em sala de aula, bem como vai ajudar os alunos a refletirem e descobrirem os conteúdos por meio de documentos, uma vez que este conhecimento não deve ser fornecido e sim, construído, além de servir de interação entre os alunos. Assim, perguntando sobre se faziam pesquisas eles responderam:

- *“Às vezes ela faz alguma pesquisa”.*
- *“Não, é só ler o capítulo fazer os exercícios e deu”.*
- *“Às vezes acontecem pesquisas em livros didáticos diferentes do que temos, enciclopédias, revistas, jornais”.*
- *“Não ela só dá textos ditados e não explica a matéria”.*
- *“Sim sobre homens importantes”.*

Ao serem questionados se o professor solicita ou não a construção de textos, após a abordagem ou a discussão de um tema, deram explicações do tipo:

- *“Não, é a professora que faz tudo”.*
- *“Não, mas manda fazer exercícios sobre o assunto abordado”.*
- *“Não textos, mas as questões que há no livro algumas são de análise crítica. Não há muita discussão do tema, pois a professora não aceita a opinião dos outros na hora da correção”.*
- *“Sim sempre quando debatemos alguma coisa ou fazemos alguma excursão a gente faz construção de texto”.*
- *“Não, mas é uma opção muito interessante, vou falar com a professora”.*

Verificou-se que, para o “ensino” ser voltado à realidade do aluno, para que ele produza suas idéias, após conclusões sobre temas abordados, é relevante que o professor tenha oportunizado, em suas aulas, esta prática. Utilizando assim diferentes fontes bibliográficas, debates, discussões de temas, que venham ao encontro dos interesses dos alunos, ao considerar o conhecimento já elaborado por eles em suas vivências e, ao respeitar suas opiniões, segundo seus valores individuais. Ainda sobre esta visão foi perguntado aos alunos sobre o valor que atribuíam ao livro didático e seu efetivo uso:

- *“Sim, porque nós aprendemos a fazer textos e a reforçar os nossos conhecimentos, tipo questionário”.*
- *“Eu acho importante porque ele tem ilustrações e você não se cansa copiando”.*
- *“Sim ela só lê depois manda fazer exercícios e só, e depois vem aquela prova bem grande”.*

- *“Prefiro interpretar texto feito na sala de aula. A minha professora não trabalha muito com o livro”.*

Constatou-se assim que, na maioria dos momentos de aquisição de informações, a leitura do livro didático e de polígrafos estava presente. O material de conteúdo era dado pronto, o aluno lia e “assimilava”, sem muita preocupação em fazer a análise crítica do mesmo.

Questionando sobre o sistema de avaliação, chegamos a perguntar: As atividades de avaliação contribuem para que você possa perceber e refletir sobre o seu desempenho em História, mostrando em que situações você necessita melhorar? Assim responderam:

- *“É elas sempre me mostram que eu não nasci para estudar história”.*
- *“Não porque a professora fala, fala e a turma não entende nada porque ela vai dando conteúdo em cima de conteúdo. Ela não explica. Só dá conteúdo chato. Eu estou mal em tudo na disciplina de história”.*
- *“Sim e também não porque às vezes tem que decorar para conseguir fazer tudo certo isto eu acho muito ruim”.*
- *“As atividades de avaliações me fazem saber que neste ano eu não aprendi praticamente nada de história. O que aprendi foi através de filmes”.*

Ao se considerarem os aspectos analisados com relação à avaliação, e tendo presente ser esta um grande desafio no processo educacional, os professores necessitam ter em mente que a avaliação só terá sentido se levar em conta o desempenho individual dos alunos, segundo suas habilidades e particularidades. Dessa forma a avaliação ajudará o aluno a refletir sobre si mesmo e a ter consciência do que já aprendeu e do que ainda pode desenvolver.

Com relação à construção da cidadania à qual, a partir da década de 80, tem sido dada uma ênfase especial, foi perguntado aos alunos: As aulas de História possibilitam-lhes sentirem-se mais cidadãos na sociedade? Dos alunos recebemos os seguintes depoimentos:

- *“Sim nós discutimos sobre a nossa sociedade e podemos dar a nossa opinião”.*
- *“Sim, pois me sinto na obrigação de assumir meu papel de cidadão”.*
- *“Sim e nos dá força para lutar por igualdade, vendo os homens importantes que lutaram”.*
- *“Até um certo ponto eu posso me sentir um cidadão, mas eu sei que a minha opinião não seria levada em conta”.*

- *“Sim, pois vemos o quanto uma opinião social é importante na história”.*

Apesar de termos obtido respostas negativas sobre o ensino de História nas questões anteriores, com relação ao tema cidadania, constatamos o contrário, pois a grande maioria dos alunos apontaram o ensino da História como uma via para a construção da cidadania.

Com esses desafios, esperamos que a disciplina de História propicie a participação do aluno na construção do conhecimento e que o professor, com os conteúdos específicos, oportunize o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias à formação do ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em função dos resultados, podem ser elaboradas algumas reflexões e considerações. Os alunos reconhecem que a disciplina de História é um momento relevante para que possam compreender a realidade em que vivem. Acreditam, em sua maioria, que são sujeitos da História, portanto, construtores não só da sua História, mas também da sua comunidade local e regional, porém, ainda persiste a mentalidade positivista de que a História é feita pelos outros (líderes, heróis).

Outro aspecto importante são as relações da História com o tempo presente. Ainda, grande parte dos alunos entende a História como algo do passado, sem considerá-la um elemento que auxilie na compreensão da realidade atual. O professor não apresenta o processo histórico como algo vivo e contemporâneo. A este aspecto, está ligada a seleção de conteúdos, muitas vezes, segundo os alunos, direcionada apenas para um passado que obedece a uma cronologia histórica sem relação com o presente, desvinculada da realidade.

O que se percebe, pelos dados coletados, é que o aluno, muitas vezes, gostaria de viver uma aula diferente e participativa voltada à realidade, em que se discutem assuntos que o levem a entender o momento atual, as diferenças e as desigualdades, para que, com eles, exercite e construa, a cidadania.

Apesar de algumas respostas positivas, verificou-se o desinteresse pelas aulas de História. Isso nos leva a concluir que elas não são significativas e relevantes para o aluno. Acreditamos ser este um dos grandes desafios para o professor: fazer da aula um momento de prazer e significado. Isso envolve fazer o aluno partícipe da construção do conhecimento, algo além da simples leitura ou preenchimento de questionários que exigem apenas memória. Esta questão enseja, portanto, a necessidade de um

redimensionamento nas aulas, buscando novas metodologias, ressignificando o ensino da História.

Outra questão relevante é a construção do conhecimento. Os alunos afirmaram que a pesquisa, praticamente não acontece, com o uso de diferentes fontes e abordagens. O saber histórico é dado, não discutido, questionado ou construído. O uso do livro didático contribui para a limitação desse aspecto, quando assume a total direção das aulas.

Um aspecto relevante foram as afirmativas de que o ensino da História contribui para a formação da cidadania. Esta questão nos leva a refletir sobre a responsabilidade, ou privilégio que possui o professor, ao participar da construção desse jovem cidadão, o aluno. Sendo assim, a disciplina de História possui com um papel importantíssimo, pois apresenta as possibilidades de intervir de forma construtiva na sociedade. Para isso, faz-se necessário que a escola oportunize situações e condições para formação dos seus cidadãos.

Portanto, a pesquisa teve como objetivo evidenciar os principais problemas enfrentados pelo ensino da História, pela ótica do aluno, ao apontar a necessidade de que esse ensino deva ser mais atraente e dinâmico, comprometido com a transformação social, que leve sempre em consideração, e de forma fundamental, a participação do aluno na construção de um saber histórico escolar coerente com a realidade em que ele vive.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ROCHA, Ubiratan. 1996. Reconstruindo a História a partir do imaginário do aluno. In: NIKITIUK, Sonia M. Leite (Org.) **Repensando o ensino de História**. São Paulo: Cortez.

SANTOS, Lorene dos. 1997. O Ensino da História e a Identidade Sóciohistórica: Alternativas Pedagógicas. **Dois Pontos**, B. Horizonte, MG jan/fev.

ZAMBONI, Ernesta. 2001. História Integrada é um eufemismo. **Revista do Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas**, São Paulo, ano.I, n.1, março/2001.